Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social
Ano V • nº 209 • Uberaba/MG • de 27 de maio a 2 de junho de 2002

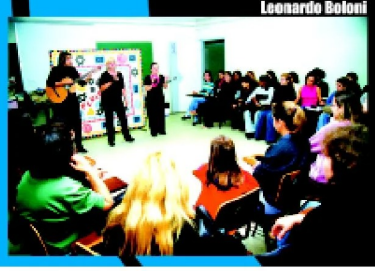
UNIVERSIDADE DE UBERABA

Leonardo Boloni

É "NÓIS" NA FITA

Diego, Fábio e Leonardo encarnam essência do Festival Universitário do Minuto e fazem a noite págs. 6 e 7

Leonardo Boloni



Semana de Seminários proporciona debates em todas as disciplinas
págs. 3, 4, 5, 8

André Azevedo

Festa de Reis comemora aniversário de assentamento
págs. 10 e 11

issuu-downloader.com

foto: reprodução / Arte: André Azevedo

Tão longe, tão perto

Fernando Machado
4º período de Jornalismo

Rubens Barrichelo nunca foi considerado um grande piloto da fórmula 1. Pelo contrário, o piloto da Ferrari sempre foi muito criticado e até ridicularizado. Não é um grande ídolo. Nunca conquistou o título da F1, e se há alguma unanimidade a seu respeito, não é nada elogiosa. Sua reputação acabou de ruir quando freiou para que seu companheiro de equipe o ultrapassasse, deixando assim de ganhar a corrida. Rubinho deu vexame. Mas, já pensou se ele pudesse voltar atrás e fazer tudo de novo, mas dessa vez certinho? Impossível? Talvez não.

Oscar Schimidt sempre foi considerado um grande jogador de basquete. É o maior cestinha da história das Olimpíadas. Sempre foi muito admirado. O "mão-santa" é unanimidade. Já conquistou diversos títulos e sua reputação é uma fortaleza. Mas Oscar, tal qual Rubinho, deu vexame. Ele havia marcado sua despedida das quadras para o jogo de terça-feira passada, 21, contra o COC/Ribeirão Preto. O Flamengo, time do astro, estava em desvantagem na partida e teve um jogador expulso. Oscar não aceitou e, com toda prepotência de ídolo que é, foi xingar o árbitro. Resultado: também foi expulso. Continuou sem aceitar e fez o Flamengo retirar o time de quadra. Foram embora cuspindo cobras, lagartos e salamandras contra o árbitro que havia acabado de cumprir com honestidade a sua tarefa. Puniu dois jogadores indisciplinados.

O que Oscar fez? Simples: adiou a despedida, anulou o jogo. Com lágrimas nos olhos disse que não vai ser desse jeito a sua retirada. Não quer que seu filho, sua esposa e os brasileiros guardem uma lembrança não vitoriosa da sua aposentadoria. A saga do herói sofre atribulações, mas não se desvia.

O que Oscar fez? O que Rubinho não pôde fazer. Voltou no tempo, como se Rubinho voltasse a corrida. Como se a vida de um ídolo, guardada em fitas de vídeo, pudesse ser rebobinada.

A vida e a carreira de grandes heróis, feitas em vídeo, podem ser editadas na vida real. Michael Jordan, o maior jogador de basquete de todos os tempos (uau!), já se "aposentou" duas vezes, e depois retornou às quadras. Até beisebol profissional Jordan conseguiu jogar graças a seu nome. Depois voltou ao basquete. O retorno e a despedida do herói devem ser triunfais. O retorno precisa ser imponente. A despedida, quando o herói parte para atingir a sabedoria final, precisa ser vitoriosa. Nem que para isso seja necessário voltar a fita, apagar algumas coisas, trocar outras de lugar, editar enfim. Michael Jordan e Oscar Schimidt serão aplaudidos tantas vezes quanto ocorrerem suas partidas e chegadas. No caso de Jordan e Oscar foi virtual. Mas no de Rubinho, imoral.

Carta do leitor

Refletindo sobre o que eu li "Somos todos escravos"

Parabéns grande moço que teve a coragem de posar de uma forma tão especial e importante. Sei que enfrentou críticas ... mas não se deixou ser colhido pelo preconceito e foi à luta de cabeça erguida. Continue sendo este "exemplo", pois na realidade, nós negros quando recebemos um destes convites, ou seja, uma destas oportunidades, ficamos com vergonha, com medo e preferimos silenciar. Sentimento este que talvez somos escravos dele e não sabemos ou não nos deixamos enxergar isto como uma escravidão em nossas vidas.

Vemos todos os dias brancos, amarelos, vermelhos, escravizados pelos vícios das drogas, até mesmo do tabagismo que é tão comum entre nós. Escravizados pelo poder, pela corrupção e subornos; pelo egoísmo, a possessividade; a violência do parceiro que bate e ela se cala porque o amor fala mais alto; pelo desrespeito ao próximo e até mesmo pela falta de oportunidade por ser negro. E você, já presenciou algum desses fatos?

Brígida, zeladora da Universidade de Uberaba / Técnica de Desenvolvimento de Comunidades

---

Caro André Azevedo

Li e reli sua matéria - "História havia sido condenada ao esquecimento" – Revelação 207 – 13/19 – 05/2002 cujo conteúdo deixa longe, muito longe o que se tem publicado sobre "coisas" de Uberaba.

Há que se comprovar ainda muitos dados mas, até os dias de hoje o terreno (Pça. Rui Barbosa com a Rua Santo Antônio) sempre despertou-me a atenção sobre a inércia de seus proprietários. Osório Adriano da Silva (o patriarca) que conheci, sempre adquiria seus bens em locais privilegiados dado à sua grande visão comercial apesar da sua pouca cultura. De Uberaba a Belo Horizonte, São José do Rio Preto e São Paulo conheço imóveis seus. Dos meus 53 anos, pelo menos 46 lembro-me de nada existir sobre aquele lote. É intrigante ver o metro quadrado mais caro de Uberaba sem qualquer edificação ao longo dos tempos.

Possivelmente você desagradou muita gente ao virar o tapete e mostrar coisas guardadas com a vassoura. Temos jornalistas e jornalistas. O seu estilo já o marca como profissional sagaz, investigativo e sem paixões. Vá em frente. Nossa terra possui preciosidades do gênero que nenhuma cidade tem. Sei de algumas.

"Seja polêmico, nem que seja consigo mesmo, caso contrário não provará o que veio fazer aqui..." – Mário Palmério. Ouvi daquele mestre tal frase. Sempre lastreado na verdade, tenho suscitado polêmicas com minhas escritas, que não chegam a atingir-me.

O acervo de dados que você publicou serve para teses e mais teses. Que os nossos órgãos, instituições de ensino, pesquisadores e até curiosos possam aproveitá-los.

Parabéns. Até breve.

Eng. João Eurípedes Sabino

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Secretário de redação: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • •
Impressão: Jornal da Manhã • • • Fale conosco: Universidade de Uberaba - Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • Tel: (34)3319-8952 • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Comunidade passa domingo no Campus

Evento marcou o início da XIII Semana de Seminários da Universidade de Uberaba

fotos: Leonardo Boloni

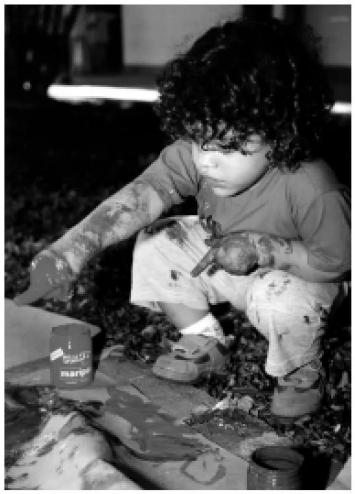
Claudinei Honório
7° período de Jornalismo
Cícera Gonçalves
5° período de Jornalismo

O pianista Arthur Moreira Lima apresentou-se durante as atividades do Domingo no Campus

Crianças, idosos, jovens, estudantes ou não, mestres ou leigos reunidos no mesmo objetivo: promover uma interação entre o mundo universitário e a população, mostrando as várias atividades desenvolvidas pelos cursos de graduação da universidade. Assim pode ser descrito o Domingo no Campus, que abriu no último dia 19, a XIII Semana de Seminários promovida pela Universidade de Uberaba.

Palestras, testes na área de saúde, brincadeiras, músicas, esportes radicais como rapel e muitas outras atividades foram desenvolvidas. As crianças puderam dar um mergulho no mundo da imaginação onde a criatividade rolou solta nas brincadeiras realizadas pelos alunos de Terapia Ocupacional, Psicologia e Pedagogia. A colagem e a pintura atraiu os pequenos artistas que se entreteram também com os alunos vestidos de palhaço e de Emília, a boneca do Sítio do Pica-pau Amarelo.

Já para os adultos, o trabalho que chamou a atenção foi a produção artesanal através do tear indígena. De acordo com a professora, mestre em Pedagogia Especial, Maria Paula, este tipo de artesanato era muito usado e feito pelos índios, em especial, quando suas esposas iam dar a luz. "Eles se mantinham ocupados e ao mesmo tempo concentrados, isso, além de fazer bem à saúde era uma forma de colocar o estresse para fora" explica.



Marcos Padilla deitou e rolou nas oficinas de pintura

O tear indígena hoje é usado para relaxar, trabalhando também a coordenação motora de crianças, jovens e adultos. "Esse tipo de terapia é ótimo para concentração e para estimular a criatividade das crianças uma vez que são usadas muitas cores" disse. O curso de Terapia Ocupacional, montou uma oficina de arte para produção de peças em argila. "A argila é usada para desenvolver a criatividade das crianças e adultos. Através dos desenhos podemos analisar a história de cada pessoa. É muito utilizada no tratamento de deficientes físicos. Não é uma atividade por atividade e sim uma forma de análise e aprendizagem" explica.

> **"Esse tipo de terapia é ótimo para concentração e para estimular a criatividade das crianças"**

Saúde em dia

O Domingo no Campus ofereceu também a oportunidade para os adultos checarem a sua saúde, através dos testes de medição de glicose e pressão arterial. Os resultados eram imediatos e seguidos de orientação dos alunos de Biomedicina. O professor do curso de Biomedicina, Marcelo Fernandes, falou que após ser feito o exame com o medidor de glicose, o paciente deve ser encaminhado para um laboratório e em seguida fazer um exame de glicose semi- automatizada.

Para agitar e colocar à prova, a resistência física dos presentes, os alunos de Educação Física, Larissa, Alessandro, Luciana, Willian André e Lelo, coordenado pelo professor Otávio Neto, deram um show de Body Jamp e Body Combat, deixando o pessoal literalmente de boca aberta com suas performances.

Show

O encerramento da programação do Domingo no Campus ficou por conta da orquestra Filarmônica do colégio José Ferreira. Os 63 músicos deixaram o público emocionado, cantando e tocando grandes clássicos da música popular brasileira. Mas o auge da programação foi o concerto do pianista Arthur Moreira Lima.

O pianista começou a viajar este ano levando dentro de um caminhão todos os equipamentos necessários para a realização do grande espetáculo. A intenção dele é percorrer todo o país. O show só não se prolongou por mais tempo devido à chuva que caiu durante a tarde, batizando definitivamente a abertura da XIII Semana de Seminários.

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Curso de Biomedicina é destaque nacional

Uberaba ganha Delegacia do Conselho Regional de Biomedicina, a primeira no estado de Minas Gerais

Ricardo Bavaresco
7º período de Jornalismo

A **Universidade de Uberaba** dá mais um passo importante no cenário nacional. Durante a XIII Semana de Seminários promovida pela instituição, foi instalada a primeira Delegacia Regional de Biomedicina de Minas Gerais. A solenidade realizada no auditório do Colégio Nossa Senhora das Dores, contou com a participação do presidente do Conselho Federal de Biomedicina, Silvio Cecchi e do presidente do Conselho Regional de Goiânia, Cláudio Mecenas. Os convidados foram recepcionados pelo reitor Marcelo Palmério e pelo diretor do curso de Biomedicina, o médico, Fahim Sawan.

Segundo Fahim Sawan, o fato dos alunos terem obtido o conceito A no provão do MEC contribuiu para a decisão da criação da Delegacia

Formada por um conselho composto por ex-alunos graduados em Biomedicina na Universidade de Uberaba, a Delegacia Regional tem como missão dar suporte aos profissionais da área a começar pela expedição de registro e carteira profissional. "O principal papel do conselho é mostrar para a população, a importância do biomédico e dizer que ele não é só um realizador de exames, mas sim, aquele que interpreta e ajuda a elucidar os diagnósticos da patologia humana", explicou Fahim Sawan.

Além de promover o apoio à categoria ligada a área biomédica, o diretor destacou que a delegacia já nasce com um desafio a travar com outras categorias, não só as de nível superior, que ainda não reconheceram o trabalho do biomédico, mas também com aquelas de nível médio e primário. A delegacia vai dar todo o suporte para os profissionais da área, a começar pelo registro junto ao órgão e a carteira profissional de biomedicina.

A conquista da criação desta delegacia foi fruto de muito esforço e trabalho entre a diretoria e os alunos do curso. Segundo o diretor, o fator que contribuiu para a decisão da criação da delegacia, foi o fato dos alunos terem obtido o conceito A no provão do MEC (Ministério da Educação). "Por tudo isso, a implantação da regional na cidade, era só uma questão de tempo e paciência", ressaltou.

Delegacia Regional promete dar suporte aos profissionais da área

Durante o encontro, tanto o presidente do Conselho Federal de Biomedicina, quanto o presidente do Conselho Regional de Goiânia, foram unânimes em destacar a importância da delegacia em Uberaba, não só para acompanhar o trabalho de biomedicina na região, mas em todo Estado.

Por uma saúde mais humana

Profissional de saúde deve não só *tratar*, mas *cuidar* das pessoas

Fernando Machado
4º período de Jornalismo

Durante a XIII Semana de Seminários da **Universidade de Uberaba**, a doutora Maria Júlia Paes, professora da USP (Universidade de São Paulo), ministrou palestra para alunos de Enfermagem e Terapia Ocupacional com o título "Humanização na Saúde".

Maria Paes falou sobre sua experiência com os pacientes e de como o tratamento mais humanizado contribui para melhorias significativas da saúde dos enfermos. Para ela é necessário que o profissional da saúde adquira consciência de que deve não só tratar, mas também cuidar de pessoas em fases tão delicadas no momento de uma internação.

A palestrante salientou que o paciente carece de atenção personalizada por parte dos profissionais. "Traumas e medos que surgem antes e depois das cirurgias, podem ser superados com mais facilidade quando o paciente recebe cuidados que o fazem se sentir respeitado", ressaltou Júlia Paes.

Os doentes não olham para as mãos do médico durante uma cirurgia, mas antes para o seu rosto, em busca de confiança

Para a doutora, o fato de trabalhar com a humanização é mais do que simplesmente resgatar o lado maravilhoso do ser humano. Para o profissional da saúde deve significar uma reflexão interna dentro de um processo em que os dois lados estejam inseridos, descobrindo também as próprias fragilidades.

O profissional que interage com o paciente "volta mais sábio" diante de suas experiências, precisando ser verdadeiro com as pessoas a qual presta atendimento. Ela destacou a fragilidade emocional dos enfermos, e observou que os doentes não olham para as mãos do médico durante uma cirurgia, mas antes para o seu rosto, em busca de confiança. Se não a encontram, entram na cirurgia com medo.

No caso de uma injeção dolorosa, como a palestrante exemplificou, o paciente deve ser informado que vai sentir dor. Caso contrário, ele sente que foi (e realmente foi) enganado. É certo que muitos enfermos se infantilizam durante os períodos mais difíceis, mas nem por isso o médico deve "tratar o paciente como um idiota".

Dentre as atitudes que transmitem o sentimento de cuidado, a doutora falou da relação que o profissional tem que ter com a família do doente. A pessoa que vai passar por uma cirurgia, sente-se reconfortada ao ver que seus parentes confiam no médico. Outras vezes é um sorriso ou o simples fato de ser chamado pelo nome o que eleva a auto-estima do enfermo.

A personalização no tratamento é o eixo central da proposta da professora de humanizar a relação. O médico, enfermeiro ou terapeuta não deve se sentir superior ao paciente. Agachar-se para conversar com uma pessoa deitada ou com uma criança é sinal de respeito e transmissão de confiança. Explicar o que vai fazer também é uma forma honesta de transmitir tranquilidade.

A doutora Júlia Paes ressaltou no final da palestra que a área de saúde carece de mais humanização. Ainda há muitos que tratam os pacientes como "máquinas estragadas". E concluiu que é preciso atenção e intenção.

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Indústria de cigarro contradiz código do consumidor

Advogado mostra as incoerências na lei que regulamenta o tabagismo

reprodução: (www.adbusters.org)

Bem-vindo ao mundo de Marlboro: campanha dos Adbusters satiriza propaganda da indústria de cigarros

Fernando Machado
4º Período de Jornalismo

O advogado Lúcio Delfino, formado em Direito pela Universidade de Uberaba, com pós-graduação no curso de Direito Civil pela Universidade de Franca, mexeu com fumantes e não fumantes durante sua palestra dirigida aos acadêmicos de Direito. No último dia 21, ele ministrou a palestra "Responsabilidade Civil dos fabricantes de cigarro", tema defendido em sua tese de mestrado, quando falou sobre a milionária indústria do cigarro e de suas relações com o governo e com o consumidor.

Delfino, que é membro da Comissão de Defesa do Consumidor da OAB/MG demonstrou as contradições do cigarro com as normas do Código de Defesa do Consumidor. A nicotina, por exemplo, não está arrolada nos relatórios do governo como psicotrópico em função da proteção dessas empresas. Mas, para Delfino, o cigarro não é um bom investimento, pois para cada dólar arrecadado em impostos, um dólar e meio é gasto com tratamentos de saúde dos consumidores.

Toda empresa é obrigada por lei a informar sobre o produto ou serviço que vende. A responsabilidade de informar por parte dos fabricantes de cigarro não é cumprida, advogou Delfino. No Brasil, onde há 15 milhões de analfabetos e mais de 20% da população é analfabeta funcional, seria necessário o uso de símbolos e imagens para que ocorresse a efetividade da comunicação para essas camadas da população. As empresas tabagistas driblam a Medida Provisória que obriga o uso dessas imagens nas embalagens de cigarro. As advertências nunca ocupam mais do que três linhas e as fotos são encenações feitas por atores que não representam os reais malefícios que o cigarro causa.

Para ele, seria interessante se os cigarros viessem com prospectus, como as bulas usadas nos remédios, informando tudo sobre o produto.

Quanto as indenizações dos consumidores, há no Brasil, segundo o palestrante, pouco mais de 300 ações movidas contra os fabricantes de cigarro. De acordo com Delfino, depois da Constituição de 1988, quando a Magna Carta passa a prever as indenizações para danos morais surgiu uma verdadeira "indústria" das indenizações. Para ele, esse é um dos empecilhos para que as vítimas do cigarro, fumantes passivos e ativos, recebam alguma indenização ou enriqueçam ilicitamente. Nos Estados Unidos alguns consumidores que processaram as empresas de cigarro receberam indenizações que ultrapassam os U$ 50 milhões. A indústria tabagista, garante Delfino, muitas vezes, age de má-fé, como quando alega que a nicotina é para dar sabor ao cigarro e na verdade é um agente viciante. Delfino afirmou que nos Estados Unidos, os fabricantes de cigarro financiam pesquisas "científicas" para criar controvérsias sobre os males causados pelo cigarro, surgindo as dúvidas sobre as doenças advindas do tabagismo.

A Sousa Cruz, principal fabricante de cigarro do País, possui um patrimônio líquido de R$ 1,5 bilhão. A Philip Morris, maior fabricante de cigarros do mundo, explicou ao governo da República Tcheca como seria lucrativo investir no tabaco, pois, reduzindo o tempo de vida da população, conseguiria economizar um grande capital ao deixar de pagar pensões e outras despesas referentes à população inativa. O cigarro é até então, o único produto que se consumido da forma que é estimulado, mata metade dos consumidores.

Direito Agrário discute propriedade rural

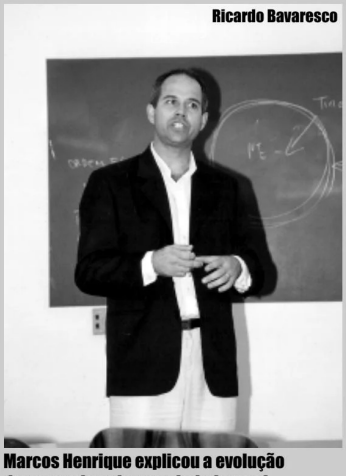
Patrícia Valeriano Nolli
4º Período de Jornalismo

Três palestras dividiram a platéia do curso de Direito, entre os temas Agrário, Trabalhista e Psicologia Jurídica. O mini-curso de Direito Agrário ministrado pelo professor e especialista em Direito Agrário, Marcos Henrique, teve como ponto principal a evolução e o avanço do direito de propriedade ou direito rural. Ele disse que antigamente o direito de propriedade era visto como "erga hominis", ou seja, um direito absoluto, contra tudo e contra todos. Hoje em dia não se vê mais esse tipo de conceito, tendo evoluído e atendendo os anseios da sociedade em geral.

Antigamente o direito de propriedade era visto como um direito absoluto, contra tudo e contra todos

O palestrante salientou as mudanças ocorridas no Direito Agrário, principalmente em relação à evolução do conceito do direito de propriedade, e acrescentou que ainda fala-se muito agindo pouco. "O poder público coloca para a sociedade à necessidade da reforma agrária e possui mecanismos para isso, mas ainda não a implementou", falou. Marcos Henrique preocupou em despertar o senso crítico dos alunos e a importância de entender o que é realmente a reforma agrária, deixando de lado os conceitos antigos e maldosos de que ela trata-se de tomar a terra de alguém e passar para outro que não possui.

Ricardo Bavaresco



Marcos Henrique explicou a evolução dos conceitos de propriedade rural

Cálculos trabalhistas

Já os mini-cursos sobre Cálculos Trabalhistas e Psicologia Jurídica, foram ministradas respectivamente pela advogada e mestranda em cálculo trabalhista, Jussara Melo Pedrosa e pela especialista e psicóloga do núcleo de prática jurídica, Rita de Cássia G. F. Neto Silva.

Durante o mini-curso de Cáculo Trabalhista, a palestrante Jussara Melo relatou e ensinou aos alunos todos os direitos dos trabalhadores desde o início, até sua liquidação geral e total, ensinado todos cálculos dos adicionais, horas extras e seus reflexos, referindo-se aos direitos dos trabalhadores incluindo as horas extras, décimo terceiro salário e as férias etc.

Na palestra de Psicologia Jurídica foi enfatizado a interdisciplinalidade entre a psicologia e o direito. Ou seja, a relação das duas disciplinas, que tem o ser humano na sua essência. A palestra demonstrou a importância da psicologia no direito, em função do contexto dos fatos, e de se conhecer a fundo o ser humano para assim poder julgá-lo de forma mais justa, ética e profissional, não esquecendo o lado humano de cada ser e contexto dos fatos.

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

A explosão do minuto

Festival surpreende pela irreverência e criatividade dos participantes

Luciana Souza
7º período de Jornalismo

Fábio Lopes, Diego Moraes, Leonardo Ramalho. Nomes de três rapazes que não figuram nas colunas sociais, culturais - muito menos policiais - dos jornais da cidade, mas que se tornaram estrelas numa noite especial onde a irreverência e a criatividade ditaram as regras durante o 6º Festival Universitário do Minuto, promovido pelo Instituto de Humanidades da **Universidade de Uberaba** e realizado no último dia 23 no auditório Cecília Palmério, campus I.

Os três meninos, estudantes secundaristas, trouxeram de volta a essência do Festival Universitário do Minuto ao seguirem literalmente a filosofia do cineasta Glauber Rocha, para quem iniciar a produção de um filme bastava: "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça". E assim, sem recursos, mas com determinação e vontade de participar, os três produziram o vídeo "60 segundos de pânico" e inovaram apresentando em outro vídeo "Bastidores de 60 segundos de pânico", o *making off* da produção.

Vai Vida **mostrou que a vida sem drogas vai longe. Vídeo venceu Festival Universitário do Minuto**

Paz no trânsito **ganhou na categoria Educacional**

O vídeo dos garotos, na categoria de Humor, arrancou gargalhadas do público, pois o horror estava na precariedade e simplicidade do enredo e o humor, no desempenho dos atores. O *making off* entrou na categoria reportagem quando eles contaram as "presepadas" da gravação. Eles concorreram também na categoria animação com o Imaginação, que fala da vida de um cachorro triste. O vídeo, segundo os autores, foi inspirado na vida dos cachorros que perambulam pelas ruas. Nenhum dos trabalhos deste trio alcançou a pontuação da premiação das categorias. Entretanto, pela espontaneidade, iniciativa e coragem dos meninos de encarar a disputa repleta de trabalhos de alto nível, foram premiados como revelação do festival, abocanhando o troféu e mais R$ 200,00.

Garotos foram premiados pela espontaneidade, iniciativa e coragem de encarar a disputa dos universitários

Diante de uma platéia entusiamada e até emocionada os três foram aplaudidos de pé.

Leonardo Boloni

Garotos não se intimidaram e exibiram o "trash" ***60 Segundos de Pânico***

Coragem e espontaneidade de Diego, Fábio e Leon

Diego Moraes destacou que as pessoas, mesmo morando em um bairro considerado de periferia, não devem se envolver em confusões, em drogas ou coisas do tipo e sim voltar-se para a arte pois é algo em que se vê bons resultados.

Mais destaques

Para um dos componentes do corpo de jurados, jornalista Denis Silva, a qualidade dos vídeos surpreendeu e mostrou-se melhor que os trabalhos do ano passado. "Observa-se que os alunos estão com uma consciência mais crítica e portanto, uma abordagem mais madura", avaliou.

De fato, os 23 vídeos que concorrecram nas categorias Publicidade, Educacional, Reportagem, Humor, Animação e Drama, mostraram a preocupação dos estudantes em pregar a paz sem ter que mostrar a violência e revelaram também o interesse na defesa de causas sociais com uma atenção especial no destaque dos valores humanos.

issuu-downloader.com

Leonardo Boloni

...ardo arrancou aplausos do público. Garotos encarnaram o espírito anárquico e artesanal do festival

Como disse o estudante André Azevedo, que divide a parceria com o mestre Décio Bragança na organização do festival, todos participantes são vencedores. "O prêmio é só um estímulo, é o meio para incentivar a produção. O grande barato é quando a equipe vê seus vídeos despertando reações nos espectadores e estimulando debates. Quer prêmio melhor que isso?", diz.

***A Dança do Cisne* mostrou que todos os universitários um dia já dançaram ballet**

Lenga Lenga trata de promessas não cumpridas de FHC

O vídeo *A Comunicação Social e a Mídia da Paz*, venceu a categoria Publicidade. O vídeo foi produzido por alunos de Publicidade e Propaganda ligados a agência Portfólio. Através do trabalho, mostraram que não basta falar de paz é preciso comunicá-la.

Na categoria Educacional, o prêmio foi conquistado pelo vídeo *Paz no trânsito*, dos alunos de Publicidade e Propaganda, Antônio Maranhão, Hugo Leonardo e Victor

***A Comunicação e a Mídia pela Paz* foi produzido pelos alunos da agência experimental Portfólio**

Mascarenhas. Mais uma vez, os estudantes mostraram que é possível um olhar otimista e uma atitude positiva perante os acidentes da vida. Na categoria reportagem, o vídeo *Lenga Lenga* que mostra a promessa feita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso de concluir as obras da BR 050 e que não foi cumprida, foi o vencedor. Os autores são os alunos de jornalismo Wagner Fonseca e Ralfer Zaidan. Na categoria humor, não teve quem não se visse na mesma situação apresentada pelo vídeo. *Dança do Cisne* fez uma comparação do clássico bale com os passos quase que artísticos que os estudantes da universidade têm que dar para pularem as poças d´água no período de chuva. Os autores deste humor foram os alunos de Publiciada, Ana Seleucia (conhecida como Ana ponto com), Ana Paulo Prado, Leonardo Henrique, Luciano Bessa e Lungas Neto.

"O grande barato é quando a equipe vê seus vídeos despertando reações nos espectadores e estimulando debates. Quer prêmio melhor que isso?"

A Estrada usou sinais de trânsito numa campanha contra o câncer de mama

A Estrada foi o vídeo vencedor na categoria Animação. Os alunos Ralfer Zaidan, Fábio Lacerda e Luciano Guimarães utilizaram sinais de trânsito numa campanha contra o câncer de mama. Na plateia, os pais se misturavam em meio aos alunos na euforia de comemorar a premiação dos filhos. O grande vídeo vencedor deste festival foi o *Vai Vida* de Wagner Fonseca, Alexandro Crosara Alvarez, Rodrigo Avelino e William Pulguinha. O vídeo começa com o personagem, ainda criança, andando de bicicleta; depois, ele jovem e saudável andando de bicicleta e por fim, já velho praticando o mesmo esporte com todo vigor. A mensagem deixada é de que sem drogas a vida continua.

Os vídeos premiados, de acordo com o diretor do curso de Comunicação Social, Edvaldo Pereira Lima, serão veiculados pela internet, através do site da revista eletrônica Nova-e. Para acessá-la, o endereço é www.nova-e.inf.br.

issuu-downloader.com

Semana de Seminários

Oficina incentiva o contato de crianças com livros

Palestrantes mostram a importância da leitura na formação de um bom cidadão

fotos: Leonardo Boloni

Educadoras do Grupo Fluistória realizaram oficina de "Contação de Histórias na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental"

Leonardo Boloni
7º período de Jornalismo

A dinâmica da oficina Contação de Histórias na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental, com as educadoras do Grupo Fluistória, chamou a atenção de quem passava pelo pavimento superior do bloco A, na **Universidade de Uberaba**. A intenção não era esta, mas sim, chamar a atenção dos futuros educadores para a leitura de livros durante o processo de aprendizado na infância.

A oficina foi recheada de historinhas, teatros e músicas, que para o grupo, se tornam um diferencial na hora de atrair as crianças para a leitura. De acordo com as palestrantes, a idéia principal do evento é despertar o contador de histórias que existe em cada um. A leitura, que pode ser feita através do teatro e da música, tem o poder de criar laços afetivos entre professores e crianças, trabalhando seu lado imaginário, além de motivar o contato com o livro, criando o hábito da leitura.

A idéia principal do evento é despertar o contador de histórias que existe em cada um

Para a professora e mestranda em educação-formação de professores, Adriana Beatriz da Silva Fonseca, a leitura é fundamental na formação de bons leitores. "Nós não queremos formar bons escritores através da leitura, mas sim, uma pessoa com ampla visão do mundo e um bom raciocínio", explica. Para ela, a criança que adquire o hábito da leitura, poderá ter uma visão mais crítica do mundo. "Os livros despertam as cabecinhas", disse.

As atividades desenvolvidas durante a oficina, como cantar, pular, brincar com bexigas, têm um efeito muito maior que a mera descontração. Segundo a educadora e especialista em literatura, Darcy Bosco, estas dinâmicas ajudam no relacionamento das crianças, influenciando seu processo de adaptação e socialização nos vários locais em que possam estar.

Teatro, a música e brincadeiras são boas formas de chamar a atenção

"Nós não queremos formar bons escritores através da leitura, mas sim, uma pessoa com ampla visão do mundo e um bom raciocínio"

Na oficina, ficou uma contestação ao tradicional método de ensino, observado pelas educadoras em muitas escolas. Um exemplo citado, é a atitude de alguns professores que mandam os alunos às bibliotecas para copiarem os livros. "Como eles podem gostar de leitura assim?", questionam. Além do despreparo do educador, a maneira em que eles lidam com as crianças não faz jus ao processo de educação. "A criança sabe de muita coisa, ela é esperta, perspicaz. Não adianta dar bronca ou deixar de castigo, é preciso dialogar", afirma a educadora Ana Teresa Teixeira Nunes. "Temos que respeitar os limites das crianças, não podemos tratá-las como bobas, são seres capazes de entender e refletir sobre os diversos assuntos, cabe a nós orientá-las", completa.

O teatro, a música e as brincadeiras vêm como boas formas de chamar a atenção dos pequenos. Quando eles vêem que tudo isso está saindo de algumas páginas, com certeza irão querer fazer isso também. Para que os pais possam estar adquirindo bons livros para os filhos, elas dão umas dicas que valem a pena seguir. "Além de um bom projeto visual e gráfico, é preciso que haja uma contextualização temática dos assuntos tratados, assim como a maneira em que são abordados. Deve ser uma leitura prazerosa e que desperte a reflexão da criança", aconselham.

issuu-downloader.com

Luta contra o manicômio leva ativistas às ruas

Entidades e pacientes defendem tratamento humanizado e o fim dos hospícios

Karla Marília Meneses
4º Período de Jornalismo

Anualmente, no dia 18 de maio, ocorre no calçadão da rua Arthur Machado, um evento comemorando o Dia da Luta Antimanicomial. É uma data nacional, ocorrendo desde 1995 em Uberaba com a participação efetiva da comunidade e profissionais da saúde. Essa luta consiste num ato de protesto para erradicar tratamentos obsoletos que em nada auxiliam na melhora e auxílio ao enfermo mental. Choques elétricos, confinamento e algemas eram alguns dos "métodos" utilizados. Em alguns casos, executavam a famigerada lobotomia, operação que removia o córtex cerebral impossibilitando o indivíduo às reações, tornando-o uma espécie de "morto-vivo".

Patrícia Nolli

Atividades comemorativas elevam auto-estima e promovem reintegração na sociedade

Maria de Fátima Caiedo, psicóloga e Coordenadora Geral da Fundação Gregório Baremblitt, ONG especializada em saúde mental, esclarece que existem vertentes nessa manifestação e uma delas é a modificação legislativa. A Lei Paulo Delgado, aprovada no ano passado após doze anos de espera, prevê reforma nos tratamentos psiquiátricos. "A lei anterior tratava o doente mental como um indivíduo de alta periculosidade, quase um criminoso. Atualmente, através da nova legislação, novas propostas foram oferecidas ao enfermo, resguardando sua integri-dade."

"A lei anterior tratava o doente mental como um indivíduo de alta periculosidade, quase um criminoso"

A psicóloga afirma que existem no Brasil cerca de 80 mil doentes mentais trancafiados em hospícios. "E o resultado é a quebra dos laços familiares, não há possibilidade de uma reinte-gração do doente na sociedade. Em Uberaba existem serviços flexíveis, coerentes com a realidade do paciente. Na Fundação Gregório Baremblitt há todo um trabalho medicamentoso, atividades e oficinas, psicoterapia e atenção à família dos usuários. Infelizmente, serviços assim são em torno de 400 no Brasil." garante. Maria de Fátima encerra, citando a importância da participação da sociedade na manifestação, atentando para a necessidade do auxílio de empresários e entidades na exposição dos trabalhos feitos nas oficinas terapêuticas.

Hoje, apenas em crises extremas, o doente é internado. Mesmo assim por um período determinado

A Assistente Social Gilda Crozara é presidente da Associação dos Usuários, Familiares e Trabalhadores da Saúde. Segundo ela, a participação da família é fundamental. "O Naps (Núcleo de Atenção Psicossocial), promove reuniões mensais com a família para que haja um suporte no tratamento do doente mental. Há uma participação efetiva. Inclusive na luta antimanicomial estão engajados familiares, a população e várias instituições como a Cria (Associação Cristã de Assistência ao Doente Mental Pobre), que atende crianças e adolescentes com distúrbios mentais, Secretaria Municipal da Saúde entre outras", relata.

Cássia Rocha

Obras de arte produzidas pelos pacientes foram expostas no calçadão da rua Arthur Machado

Fundação Gregório Baremblitt

Gregório Baremblitt, é um médico argentino sempre atuante nas causas que favorecem um tratamento humanizado ao doente mental. "Em meados de agosto ou setembro, realizaremos um seminário com profissionais da área e palestrantes de todo o país para debatermos a questão do doente mental. Será aberto para toda a comunidade", finaliza.

Há cinco anos, a Coordenadora da Saúde Mental, da Secretaria Municipal de Saúde, Wagna Lúcia Alves resolveu se dispor contra o preconceito dirigido aos enfermos. " O doente lida com sintomas terríveis da doença, o nosso papel é amenizá-los e não segregar os portadores. A última década foi decisiva para uma reforma clínica. Hoje, apenas em crises extremas, o doente é internado. Mesmo assim por um período determinado. O doente recebe uma gama de atividades, com acompanhamento médico e terapia ocupacional. Não há confinamento nos muros de uma instituição, já que esse método é ultrapassado e os custos são maiores" , relata.

A coordenadora cita ainda a ocorrência da III Conferência Nacional de Saúde Mental feita em Brasília, com novas propostas apresentadas por familiares de pacientes e profissionais. As propostas serão encaminhadas ao Conselho Nacional de Saúde para apreciação dos órgãos responsáveis.

"Nos últimos dez anos houve uma redução dos hospitais psiquiátricos no Brasil. É o resultado de uma política mais humana dispensada aos doentes. Uma prova disso são esses produtos demonstrados aqui, as barracas com artesanato de qualidade que os pacientes confeccionam. Hoje as instituições de saúde mental reforçam a auto - estima dos doentes e fazem atividades comemorativas para uma interação social: imaginem quantas vezes um doente mental teve a data do seu aniversário esquecido?", finaliza.

issuu-downloader.com

Festa de Reis comemora nove anos de assentamento

Folia foi uma das atividades no aniversário de Nova Santo Inácio Ranchinho

André Azevedo
1° período de Jornalismo

"Aqui, graças a Deus, a turma está comendo desde cedo. Chega um e come, chega outro e come...", disse Antônio Munhoz, onze filhos, mais de trinta netos e alguns bisnetos. Em sua casa, o grupo de Folia de Reis "Os Filhos da Benção" ensaiava para a procissão da noite de 18 de maio.

O dia todo era de festa. Os moradores da comunidade Nova Santo Inácio Ranchinho, localizada no município de Campo Florido (MG), comemoravam, na véspera, os nove anos de assentamento com um grande churrasco comunitário. Munhoz acompanhou o lento processo de desapropriação, assim como a acomodação das 115 famílias a partir de 1993. "Ficamos todos, com as mulheres e os meninos, três anos e meio debaixo de lona", lembra. Hoje, quase todas as casas têm energia elétrica e boa parte delas é abastecida com rede de água. O assentamento conta também com uma escola ligada ao projeto Escola Família Agrícola (EFA).

José Ferreira dos Santos, conhecido como José Messias, é violeiro e mestre da folia. "A procissão no aniversário era uma intenção que a gente tinha desde a beira da rodovia", conta. Por causa de diversos problemas enfrentados nos primeiros anos de assentamento, somente em 1996 conseguiram reorganizar o grupo para a comemoração. "A folia é tradição na família. Meu avô passou para o meu pai e ele passou para mim. Meu filho – o Israel, de doze anos – já está aprendendo", entusiasma-se.

Zé Melé: "Quero ver essa cara pretinha no jornal"

José Francisco Ribeiro, o Zé Melé, é uma figura muito popular e querida na comunidade. Apresentado como o amigo mais brincalhão, há trinta anos é companheiro de folia de José Messias. Já participou como palhaço e hoje, aos 68 anos, toca pandeiro. "Quero ver essa cara pretinha no jornal", disse ao posar para a foto.

Foliões ensaiam à tarde na casa de Antônio Munhoz

fotos: André Azevedo

Folia é parte das comemorações desde o terceiro aniversário do assentamento

Natal Martins, o Natalino, é folião há mais de vinte anos. "Eu era só o escrivão, anotava as prendas, essas coisas. Um dia o contramestre ficou rouco, fui chamado *no repente*... e cantei – assim meio com vergonha – mas saiu", diz. Tornou-se então o contramestre de José Messias e o acompanhou por doze anos cantando e tocando viola. Mais tarde Natalino seria mestre em seu próprio grupo, a companhia 25 de Dezembro. Seu filho, Márcio José, é integrante do grupo e toca cavaquinho. Natalino foi convidado especialmente para participar da procissão no aniversário do assentamento.

Um líder político na folia

Como é sabido, o termo *sofisticado* deriva de *sofística*. Platão era um grande inimigo dos sofistas. Considerava-os enganadores, imitadores de filósofos. A prática do sofisma caracteriza-se por raciocínios escorregadios que induzem a uma "verdade" puramente ornamental. Lourival é um dos principais líderes do assentamento. De raciocínio claro e bem articulado, não é um homem sofisticado, assim como não são sofisticados o Antônio Munhoz, o José Messias, o Zé Melé, o Natalino, ou os outros amigos de Nova Santo Inácio Ranchinho. Não é preciso se perder em emaranhados de análises para decifrá-los; descobre-se claramente suas intenções a partir do que eles mesmos dizem.

Requisitado a todo momento, Lourival é chamado para ajudar a resolver quase todo tipo de assunto na comunidade. Mas o líder político fica para outra reportagem. Aqui, Lourival é um dos foliões e toca violão com os Filhos da Benção.

Tradição

A Folia de Reis é uma festa inspirada em costumes católicos com raízes que remetem ao período colonial. José Messias imagina que, em sua família, a tradição se mantém há mais de um século. A procissão reproduz a viagem dos Reis Magos a Belém. Os cortejos percorrem ruas, vilas e povoados entoando em frente às casas os cânticos de louvor. Pedem aos moradores que abram as portas, fazem a saudação ao dono da casa, cantam jornadas dos reis magos ou passagens da vida de Jesus, agradecem e despendem-se. Normalmente as folias iniciam-se em 24 de dezembro e extinguem-se em 6 de janeiro. Mas a procissão de Nova Santo Inácio Ranchinho é um festejo especial para comemorar o aniversário do assentamento.

A reportagem do **Revelação** acompanhou o cortejo que partiu da casa de Antônio Munhoz no final da tarde e seguiu até a

issuu-downloader.com

sede da Associação Nova Santo Inácio Ranchinho (Ansir). De intensa expressividade simbólica, os cânticos inspiram forte devoção religiosa e provocam nos fiéis um estado de contemplação mística que se mostra profundamente autêntico.

As violas pulsam na regularidade de um organismo. E pulsam de verdade, num pulsar que quase sai sangue. Os toques nas cordas formam constelações e orientam as vozes que, humanamente mundanas, cantam para agradar os santos. O tempo da toada é circular, mais um convite ao desprendimento da meditação religiosa.

A afinação dos arranjos vocais é o que há de mais assustadoramente humano, carnal e sanguíneo na folia. As toadas carregam toda a imperfeição e toda a impureza que nos caracteriza como humanos. A voz do mestre José Messias desafiava e vencia o tom continuamente, enfrentando o cansaço de sua garganta empoeirada. Mas não desafinou, seguiu teimoso. A paleta come forte a corda seca do cavaquinho para o som ressoar no agrado dos santos. Os foliões estão ali para expressar sua devoção da forma mais bonita e humana que existe. Demasiadamente, assustadoramente humana.

José Messias e o filho Israel: "A folia é uma tradição da família. Meu avô passou para o meu pai e ele passou para mim. Meu filho já está aprendendo"

Ai ai meu Deus do céu. As vozes clementes arrancam da alma dos foliões uma tristeza não chorada que agora quase chora na cadência da zabumba. E a tristeza dói lá no fundo da alma. "Depois eu te conto o que é tristeza", disse Zé Melé, sem contar depois. *Ai ai Nossa Senhora.* O que clamam os foliões? O que é aquilo no rosto de Anísio Gomes, que toca o violão? O que é aquilo no olhar de Clarice Rosa, a bandeireira? É tristeza ou alegria esse compasso tão decidido e receoso ao mesmo tempo? A folia não responde. Segue cortejo.

Já na sede da Ansir, a procissão pára no galpão e algo acontece: os pandeiros de Wederson e Zé Melé e as zabumbas de Ariclenes e Arimatéia entram em transe. Era a rainha da Companhia, Maria Aparecida, a Maria Preta, quase 100 anos, mãe de José Messias, que saudava as pessoas e dançava entre as duas colunas de foliões. O transe durou alguns minutos, enquanto a rainha caminhava e segurava a bandeira sobre rosto dos fiéis. Ela proferiu, mais tarde, um discurso louvando a coragem e o talento.

Voltam os cânticos. O trinado do pandeiro e o pulsar da zabumba sobem pela espinha e apertam o coração. A entoada triste faz florescer uma nostalgia impossível, traz uma sensação de memória longínqua, subterrânea, calada, que ninguém sabe nomear. As raízes profundas da tradição e a simbologia mística sugerem que não são apenas os fiéis que arrepiam com o trinado do pandeiro; são seus pais, suas mães, seus avós, bisavós, tataravós, toda a população que nasceu, sofreu, cruzou oceanos, enfrentou guerras e morreu para que eles estivessem ali ouvindo a folia é que arrepiam neles. Um pouco da carne e da memória de antepassados que ainda sobrevivem neles reconhecem os cânticos e arrepiam de verdade. Daí a força religiosa e a expressividade simbólica da Folia de Reis.

fotos: André Azevedo

Natalino e o filho Márcio: "Um dia o contramestre ficou rouco, fui chamado *no repente*... e cantei – assim meio com vergonha – mas saiu"

Pandeiro e zabumba entram em transe: era Maria Preta, a Rainha, que dançava entre os foliões

Lourival e Anísio (esq.) tocaram violão. Clarice Rosa foi a bandeireira. Os palhaços foram Eurípedes Dias e Aparecida Martins. Aparecida substituia Benedito Galante, que estava "entrevado"

issuu-downloader.com

Saudade

Adilson Nakamura - 18/08/1956 - 19/05/2002

issuu-downloader.com